

As redes sociais virtuais como possíveis meios de (des)informação sobre o aumento dos casos de microcefalia no Brasil

INGRID RIBEIRO DA GAMA RANGEL*

Resumo: A descoberta da relação do vírus Zika com o aumento dos casos de recém-nascidos com microcefalia tem causado grande preocupação à população, principalmente, entre as gestantes. Além do medo da picada do mosquito *Aedes aegypti*, mulheres grávidas podem ser afetadas por algumas especulações sobre o assunto, oriundas de redes sociais virtuais. A partir desta problemática, o objetivo deste trabalho foi compreender o entendimento de um grupo de gestantes e puérperas a respeito de notícias divulgadas na internet sobre a relação do vírus Zika e aumento de casos de microcefalia em recém-nascidos. O caminho metodológico do trabalho foi marcado por pesquisa bibliográfica e de levantamento de informações, por meio de um questionário fechado, em uma rede social virtual destinada, principalmente à gestantes e puérperas. Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. A pesquisa aponta para a necessidade de se averiguar o que se compartilha no ciberespaço. Conclui-se que notícias baseadas apenas em especulações sobre o assunto em pauta podem fazer com que as gestantes se esqueçam de adotar importantes medidas preventivas em relação ao vírus Zika, como, por exemplo, a eliminação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti* e o uso de repelentes e roupas compridas.

Palavras-chave: *Internet*; Mosquito *Aedes aegypti*; Vírus Zika; Gestantes.

Abstract: The discovery of the relationship of the Zika virus with the increase of cases of newborns with microcephaly has caused great concern to the population, especially among pregnant women. In addition to fear of the bite of the *Aedes aegypti* mosquito, pregnant women may be affected by some misinformation about the subject, coming from virtual social networks. From this problem, the objective of this work was to understand the conceptions of a group of pregnant and puerperal women about news published on the internet about the relationship of the Zika virus and the increase of cases of microcephaly in newborns. The methodological path of the work was marked by bibliographical research and information collection, through a questionnaire, in a virtual social network destined, mainly to the pregnant women and puerperas. Data were analyzed qualitatively and quantitatively. The research points to the need to find out what is shared in cyberspace. It is concluded that news based only on speculation on the subject can cause pregnant women to forget to adopt important preventive measures regarding the Zika virus, such as the elimination of breeding grounds of the *Aedes Aegypti* mosquito and the use of Repellents and long clothing.

Key words: *Internet*; *Aedes aegypti* mosquito; Zika vírus; Pregnant women.



* INGRID RIBEIRO DA GAMA RANGEL é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).



Introdução

Em novembro de 2015, o Ministério da Saúde confirmou a relação entre o aumento dos casos de recém-nascidos com microcefalia, principalmente no nordeste brasileiro, e o vírus Zika. A partir da notícia, as atenções voltaram-se às gestantes, que foram aconselhadas a usar repelentes, bem como a adotar outras medidas preventivas. Ações estas, visando combater o mosquito *Aedes aegypti*, transmissor do vírus Zika, mostraram-se intensificadas (BRASIL, 2015).

O fato da possível relação da microcefalia com o vírus Zika ter sido descoberta só em 2015, a partir dos casos no território brasileiro, gerou dúvidas. Pesquisadores de vários países lançaram luz à questão. Além de pesquisas acadêmicas (como as divulgadas pela Fundação Oswaldo Cruz e pela *The New England Journal of Medicine*), as notícias sobre o vírus Zika fomentam

especulações em redes sociais da *internet*. Algumas postagens atribuíam outras causas, diferentes do vírus Zika, para o aumento de casos de microcéfalos. Com base nisso, o objetivo deste trabalho foi compreender o entendimento de um grupo de gestantes e puérperas a respeito de notícias divulgadas em um site nacional, que fornece informações gratuitas quanto ao desenvolvimento de bebês, sobre essa relação (vírus Zika e aumento casos de microcefalia em recém-nascidos).

A fim de alcançar o objetivo proposto, adotaram-se, como metodologia, pesquisas bibliográfica e de levantamento junto a internautas de 7 grupos do site *Baby Center*¹. Os grupos

¹ Site, disponível no endereço eletrônico: <http://brasil.babycenter.com/>, voltado para pessoas relacionadas à gestação de bebês. Nele, as gestantes podem fazer um cadastro e receber boletins semanais com informações sobre o desenvolvimento do bebê. Além dos boletins, há aplicativos, artigos com informações para pais e

escolhidos foram os de gestantes cujos partos estavam previstos para os meses entre junho e dezembro de 2016. A escolha dos grupos ocorreu devido ao período de gestação das participantes coincidir com o período do aumento das notícias sobre a microcefalia. Na pesquisa de levantamento foram passados, virtualmente, questionários com livre adesão.

1. O Vírus Zika

O mosquito *Aedes aegypti* era, até 2014, alvo de campanhas públicas quase que exclusivamente pela sua potencialidade em transmitir o vírus da dengue. De acordo com o Portal da Saúde do Governo Federal (BRASIL, S/D), a transmissão da dengue, no Brasil, vem ocorrendo desde 1986, “intercalando-se com a ocorrência de epidemias, geralmente associadas com a introdução de novos sorotipos em áreas anteriormente indenes ou alteração do sorotipo predominante”.

Segundo o site da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ:

Em maio de 2015, uma pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Virologia Molecular do Instituto Carlos Chagas (ICC/Fiocruz Paraná) confirmou a presença do vírus Zika em oito amostras humanas vindas do Rio Grande do Norte. Além de constatar a circulação do vírus no país, o estudo reforçava a importância da vigilância epidemiológica. Transmitido nas áreas urbanas pelo mosquito *Aedes aegypti* – mesmo vetor responsável pela transmissão da dengue e do Chikungunya –, o vírus Zika foi introduzido no Brasil, possivelmente,

por turistas que vieram assistir à Copa do Mundo em 2014.

Sabe-se, na contemporaneidade dos anos 2000, que o mosquito é também transmissor de outros vírus como o Zika e a Chikungunya. No Brasil, mesmo com a descoberta da presença do vírus Zika no território nacional, não houve, de imediato, grande preocupação das autoridades porque os infectados apresentavam sintomas mais brandos do que os da dengue e da Chikungunya. A Comissão de epidemiologia da Abrasco publicou que as primeiras manifestações clínicas, em outubro de 2014, da doença causada pelo vírus Zika eram: “febre baixa ou nenhuma febre, exantema maculopapular, prurido, artralgia e edema de membros, com duração de 4 – 7 dias” (BRASIL, 2016).

O vírus Zika chegou ao Brasil sem que se tivessem grandes informações mais alarmantes a seu respeito. O vírus “foi originalmente isolado de uma fêmea de macaco *Rhesus febril* na Floresta Zika (daí o nome do vírus), localizada próximo de Entebbe na Uganda, em 20 de abril de 1947” (VASCONCELOS, 2015, p.9). Apesar de identificado há quase 70 anos, antes do Brasil, não se tinham notícias da propagação do vírus em uma malha territorial e populacional tão grande.

A jornalista Mariana Lenharo (LENHARO, 2016), do site de notícias G1, informou que: “Silvia Sardi e Gubio Soares Santos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) foram os responsáveis por identificar o vírus Zika pela primeira vez no Brasil, em abril de 2015”. As pesquisas em torno do vírus Zika foram intensificadas depois que o vírus infectou um número significativo de pessoas. Atualmente, sabe-se que, apesar de normalmente o vírus causar sintomas

bebês e uma comunidade virtual na qual é possível trocar informações com pessoas que estão com bebês em fase similar.

brandos, “há relatos de complicações neurológicas tardias, provavelmente imunomediadas, como a síndrome de Guillain-Barré (SGB), relatada tanto nos surtos ocorridos na Polinésia Francesa (na última década) como nas epidemias recentes no Rio Grande do Norte e na Bahia” (LUZ; SANTOS; VIEIRA, 2015, p. 786).

O aumento de casos de Zika gerou mais preocupação a partir da descoberta da possível relação do vírus com o aumento da incidência de recém-nascidos com microcefalia, principalmente no nordeste brasileiro. O vírus ganhou as manchetes dos principais jornais do país a partir de outubro de 2015, mês em que o Governo Federal declarou que o surto de microcefalia em Pernambuco parecia estar associado ao vírus Zika. Segundo a Agência de Notícias da Fiocruz: “Em 22 de outubro, o Ministério da Saúde (MS) informou ter reforçado a notificação e a investigação de casos da doença no estado. Pouco mais de um mês depois (28/11), o MS pode confirmar a relação entre o vírus Zika e o surto de microcefalia na região Nordeste”. A suspeita da relação do vírus Zika com a microcefalia surgiu depois que alguns médicos do nordeste estranharam o repentino aumento de bebês microcéfalos.

A médica Adriana Melo, que atua na maternidade do Instituto Elpídio de Almeida (Isea), em Campina Grande, começou a suspeitar da relação entre o vírus da Zika e a microcefalia após conversas com profissionais de Pernambuco. Ela, então, tomou a iniciativa de coletar o líquido amniótico de duas gestantes cujos bebês tinham sido diagnosticados com microcefalia por exames de ultrassom. As amostras, enviadas para o Laboratório de Flavivírus do

Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), levaram à descoberta de que o vírus era capaz de atravessar a placenta, feito inédito na ciência que reforçou as evidências de associação entre o Zika e microcefalia. (LENHARO, 2016).

Mesmo depois da confirmação do Ministério da Saúde (BRASIL, S/D) de que o Vírus Zika poderia causar microcefalia nos recém-nascidos, parte da opinião pública duvidou e pesquisas em torno do assunto continuaram no Brasil e em outros países. Por exemplo, nos Estados Unidos, no dia 13 de abril de 2016, estudiosos do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), principal instituição de pesquisa de saúde do governo americano, publicaram no periódico científico *The New England Journal of Medicine* que o vírus Zika seria realmente capaz de causar microcefalia. Segundo Tom Frieden, diretor do CDC: Não questionamos mais se o vírus Zika causa microcefalia, mas qual é o espectro de lesões que esse vírus devastador causa (RASMUSSE et al., 2016).

No dia 27 de julho de 2016, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016) divulgou que o Brasil tinha 1.749 casos diagnosticados de microcefalia por causa infecciosa: “Do total de casos confirmados (1.749), 272 tiveram confirmação por critério laboratorial específico para o vírus Zika”. A maioria dos casos, 85,4%, ocorreu na região Nordeste, sendo 376 casos (21,4%), só no estado de Pernambuco.

Pesquisas realizadas por órgãos como a FIOCRUZ, no Brasil, e do CDC, nos Estados Unidos, apontam para o vírus Zika como provável causa do aumento de recém-nascidos com microcefalia. Os casos ocorridos no Brasil ganharam repercussão mundial. Os números

divulgados pelo Ministério da Saúde deixam clara a necessidade de medidas preventivas, como o combate ao mosquito e eliminação dos criadouros em potencial (água parada).

2. As tecnologias da comunicação

As tecnologias são ferramentas que auxiliam os seres humanos em suas relações com o mundo. Existem instrumentos para o trabalho, para a arte, para a comunicação. Ao longo da história, o homem desenvolveu novas técnicas para o desenvolvimento do conhecimento. O filósofo francês Pierre Lévy (1993) divide a gestão do conhecimento humano em três períodos. Para o autor, são os “tempos do espírito”: a oralidade primária, a escrita e a informática.

Segundo Lévy (1993, p.5), “a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento de centros de gravidade”. Sendo assim, o desenvolvimento de novas ferramentas, linguagens e meios de comunicação não se dá de forma substitutiva, mas acumulativa. O que ocorre é a complexificação de uma linguagem a partir do surgimento de outra. Com a invenção da escrita, não se parou de falar (oralmente), mas se criou a possibilidade de eternizar o verbo. A história da humanidade é possível principalmente por causa da escrita. Ao invés de depender das ilustrações e da memória humana, surgiu no papel a possibilidade do registro, da linearidade ao invés do eterno retorno dos relatos.

Com o surgimento da informática, as antigas formas de comunicação também ganharam complexidade. É o que

Santaella (1996) chama de cultura das mídias. Em um único aparelho (o computador), pode-se promover comunicação de várias maneiras. O oral, o escrito e o visual se encontram em um só espaço.

Com a *internet*, a capacidade multimídia do computador ganhou possibilidades multiculturais. No ciberespaço, a ideia de território foi modificada. Em um espaço virtual, que não significa não-espaço, pessoas de diferentes culturas e territórios têm a possibilidade de se encontrar. Para Lévy (1997, p.17), trata-se de “um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade”.

No ciberespaço, a divulgação das informações foi facilitada. Pode-se, em tempo real, acompanhar, pela *internet*, transmissões de diversos países. Além da migração de várias empresas de comunicação social para o ciberespaço, houve o surgimento de novas formas de organização viabilizadas por redes ou comunidades sociais virtuais. Rheingold (1996, apud REQUERO, 2005, p. 13) define comunidade virtual como “agregados sociais que surgem da Rede, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético”.

Pessoas que participam de comunidades sociais podem não se conhecer fisicamente, mas trocam ideias e informações. No caso da viralização de um conteúdo, um ou mais indivíduos pertencentes a um grupo ou a uma comunidade compartilham o conteúdo

com outro grupo e assim suscetivelmente. Muitas vezes, fica difícil saber de onde surgiram as informações.

3. As mídias e o problema da manipulação

A discussão em torno da manipulação das informações pelos meios de comunicação não é recente. Quando grupos dominantes perceberam o possível alcance da imprensa, buscaram um meio de contê-la ou utilizá-la em prol de seus interesses. Segundo Melo (2003):

O entusiasmo com que a imprensa foi recebida pelos detentores do poder político no séc. XV arrefeceu imediatamente sob o impacto das consequências advindas da sua força disseminadora de ideias e conhecimentos. Assim, tanto a igreja, quanto os governantes civis, abandonam a posição inicial de tolerância e marcham para um controle rigoroso de sua expansão (MELO, 2003, p.55).

São muitos os relatos ao longo da história, inclusive brasileira, que narram o uso indevido dos meios de comunicação. Em *‘A quem pertence a informação?’* Novaes (1996) alertava que: “É preciso abrir, descentralizar, diversificar a informação enquanto é tempo. Só assim – com o povo sabendo tudo – é que de fato se terá o povo no poder. Povo no poder é povo bem informado, corretamente informado, debatendo tudo sem segredos”.

Com a *internet* e o conseqüente surgimento do ciberespaço, o acesso à informação deixou de ficar restrito aos profissionais dos meios de comunicação. Em posse de um *smartphone*, qualquer indivíduo, com ou sem formação em comunicação social, é capaz de registrar cenas e relatar fatos. Nas redes sociais

virtuais, este indivíduo tem a possibilidade de ‘alcançar’ um número imaginável de pessoas. Em relação ao alcance, uma postagem em uma rede social pode chegar a um número de pessoas infinitamente maior do que uma publicação em um jornal impresso. Afinal, o jornal sai com uma tiragem específica. Também por este motivo os jornais estão migrando para o ciberespaço.

A democratização das informações é positiva. A população tem a chance de ficar menos refém de algumas empresas de comunicação que utilizam seus espaços para publicar matérias tendenciosas. Entretanto, a possibilidade de divulgação de notícias pelos indivíduos comuns também pode ser utilizada de forma negativa. Se um veículo de comunicação divulga uma notícia contendo erros, ele pode ser obrigado a se retratar, atendendo à Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988, art. 5, V) que assegura: “o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem”. A lei vale para qualquer pessoa ou grupo. Entretanto, a ideia de anonimato das pessoas que participam de redes sociais virtuais faz com que alguns indivíduos se sintam seguros para fazer declarações sem pensar nas consequências (apesar de se saber que a polícia tem se especializado e descoberto a identidade de responsáveis por práticas muitas criminosas na internet).

Na atualidade, especulações não dependem exclusivamente da imprensa para ganhar notoriedade. Um simples vídeo, realizado por um indivíduo comum, pode ser rapidamente “viralizado”. Ressalta-se que é importante que a população tenha voz e

encontre um meio de se comunicar. O problema é que não são todos os indivíduos, que postam uma notícia na *internet*, que têm a preocupação de checar a fonte ou de verificar se a informação procede.

4. O vírus Zika e as redes sociais

A divulgação, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, S/D), da relação do aumento

dos casos de bebês recém-nascidos com microcefalia e o vírus Zika impulsionou postagens na internet. Em pouco tempo, surgiram comentários dos que acreditavam e dos que duvidavam do governo. Um exemplo é a publicação divulgada, no dia 9 de dezembro de 2015, na rede social virtual *Facebook*:



Figura 1: Postagem sobre o vírus Zika.

Fonte: Facebook

Alguns vídeos e textos compartilhados na internet, como o comentado na Figura 1, diziam que o aumento de microcéfalos estava relacionado a uma vacina vencida que as gestantes teriam tomado. Pode-se observar na figura que apenas esta postagem foi visualizada 23 mil vezes e recebeu 1427 compartilhamentos. O programa Bem Estar, da Rede Globo de televisão, no dia 16 de dezembro de 2015, abordou a questão: “Um dos boatos mais difundidos na internet sobre microcefalia é o de que a doença estaria sendo causada por um lote vencido de vacina contra rubéola que teria sido aplicado em gestantes no Nordeste”. A matéria explicou que a vacina contra rubéola é inclusive contraindicada para

gestantes e não tem relação alguma com a anomalia.

Outra informação bastante difundida, esta baseada em uma pesquisa realizada por uma ONG de médicos e estudiosos argentinos, é que o inseticida *pyriproxyfen*, utilizado para deter o desenvolvimento da larva do mosquito *Aedes aegypti*, estaria contaminando a água consumida pelas gestantes, levando-as a gerar crianças com microcefalia. Baseado na informação divulgada site da Rede Universitária de Ambiente e Saúde (REDUAS), no dia 9 de fevereiro, o governo do Estado do Rio Grande do Sul suspendeu, em fevereiro de 2016, o uso do larvicida como medida preventiva.

A fim de verificar como as gestantes e as puérperas receberam notícias sobre a microcefalia, foi realizada uma pesquisa com sete grupos do *Baby Center*. No site, os grupos são denominados com os possíveis meses de nascimento dos bebês. Desta forma, as mulheres podem conversar com pessoas que estão vivendo a mesma fase, gestacional ou puérpera, que as suas. Os grupos Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2016 são referentes a mulheres que possivelmente tiveram seus filhos nesses meses. Os grupos foram escolhidos porque as notícias sobre a relação do vírus Zika com a microcefalia foram divulgadas principalmente a partir de outubro de 2015. A pesquisa² foi realizada de 10 a 24 de agosto de 2016, com adesão voluntária das internautas gestantes ou puérperas. Neste período, 36 mulheres (sendo 5 do grupo de Junho, 4 do grupo de Julho, 6 do grupo de Agosto, 4 do grupo de Setembro, 7 do grupo de Outubro, 2 do grupo de Novembro e 8 do grupo de Dezembro) responderam ao questionário contendo 6 questões fechadas.

A primeira questão foi: “Você recebeu mensagens que diziam que os casos de microcefalia não tinham relação com o Zika?”. Das 36 participantes, 30 responderam que sim e 6 disseram que não. Ao serem questionadas se acreditaram nessas mensagens, 27 disseram que não, 2 pessoas disseram que acreditaram, mas hoje não acreditam mais e 7 mulheres disseram que continuam acreditando que o vírus Zika não tem relação com os casos de microcefalia.

² A veracidade da pesquisa pode ser confirmada no site *Baby Center*. Disponível em: <<http://brasil.babycenter.com/search?q=pesquisa+sobre+o+zika>>.

À questão: “Em sua opinião, qual é a causa do aumento da microcefalia no Brasil?”, 4 mulheres disseram acreditar ser por causa da vacina vencida; 2 disseram que foi o larvicida na água; 26 alegaram acreditar que foi por causa do vírus Zika e 6 declararam acreditar em outros motivos. A participante Maria³, do grupo de Dezembro, declarou: “*não sei ao certo, mas como a concentração é uma determinada região, não acredito que seja o Zika vírus*”. No grupo de Agosto, a integrante Conceição escreveu: “*Acredito que sempre houve microcefalia no Brasil por diversos motivos, mas não acredito na relação entre ela e o Zika vírus*”. Aparecida, do grupo de Junho, afirmou que “*Há algum fator, ainda não identificado, aliado ao vírus Zika no Nordeste*”.

Ao serem questionadas sobre quais medidas adotaram para evitar as picadas do mosquito *Aedes aegypti*, as participantes puderam marcar várias dentre as alternativas:

- A – Uso de repelente.
- B – Uso de roupas compridas.
- C – Uso de inseticidas.
- D – Uso de telas nas janelas.
- E – Eliminação de possíveis criadouros (água parada).
- F – Outras formas de prevenção. Qual (is)?
- G – Não tomou nenhuma atitude em relação ao mosquito.

Todas as 36 disseram ter usado repelente, 16 usaram inseticida em casa, 9 protegeram as janelas com telas e 32 afirmaram que buscaram eliminar possíveis criadouros do mosquito.

³ Para preservar as identidades das participantes, foram utilizados nomes fictícios.

Quando questionadas como as informações divulgadas nas redes sociais as tinham deixado, no período de gestação, 24 mulheres disseram terem ficado confusas, uma não soube responder e apenas 11 disseram que – a partir das informações das redes sociais – sentiram-se mais bem informadas.

Ao serem questionadas se elas se consideravam bem informadas em relação ao Vírus Zika e à microcefalia, 22 mulheres responderam que sim e 14 que não. Dentre as participantes que afirmaram não estarem bem informadas, Fátima, do grupo de Outubro, declarou:

“Não confio em todas as fontes da internet, mas busco ler com senso crítico, assim como o divulgado em outras mídias. Meu marido é biólogo, e nem ele se sente bem informado, pois sabemos da capacidade de manipulação da mídia, assim como, restrição e acesso a informações mais precisas e detalhadas”.

O depoimento de Fátima demonstra a descrença que ela tem em relação não somente às informações divulgadas pelas redes sociais, mas também por outros meios de comunicação. O senso crítico da gestante é importante para que ela não se deixe influenciar por notícias baseadas em especulações.

Considerações finais

A gestação é um período de inúmeras mudanças no corpo da mulher que se adapta para desenvolver e dar a luz a um novo ser. Carrara e Duarte (1996, p. 88) explicam que a gravidez provoca mudanças em diversos sistemas do corpo da mulher. Essas modificações podem gerar desconfortos como enjoos, tonturas, falta de ar, inchaço dos membros inferiores, entre outros. Além

dos sintomas físicos da gestação, a mulher ainda está sujeita a uma instabilidade emocional, já que gerar mexe também com questões psíquicas (PICCININI *et al*, 2008, p.64).

É importante que durante a gravidez a mulher tenha um ambiente tranquilo para que possa se manter física e emocionalmente sadia. O desenvolvimento de um ambiente saudável fica dificultado quando se têm informações desconstruídas sobre questões importantes para a mãe e para o bebê. O clima em que as gestantes brasileiras têm vivido em 2015 e 2016 não tem sido favorável. Afinal, as mulheres têm convivido com o medo de gerarem crianças com algum comprometimento que pode ser causado pelo vírus Zika. Por esta razão, informações corretas são fundamentais para que a gestante tenha alguma segurança.

As redes sociais virtuais são importantes meios de comunicação que podem tornar a troca de informações mais horizontal e democrática. Entretanto, a divulgação de notícias sem aprofundamento pode gerar equívocos. Esta pesquisa, realizada em sete grupos do site *Baby Center* revelou que 30 das 36 mulheres questionadas receberam informações que afirmavam que o vírus Zika não tinha relação com a microcefalia. Com isso, acredita-se que as informações compartilhadas, sem uma averiguação dos fatos e um questionamento, podem, em vez de informar, causar confusão. No caso das notícias sobre a microcefalia e textos com meras especulações poderiam, além da ampliação da instabilidade emocional das gestantes, resultar em falta de medidas de prevenção, como apontam os achados dessa investigação.

Referências

- BRASIL. Comissão de epidemiologia da Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco. Zika vírus: desafios da saúde pública no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. ABR-JUN, 2016; p.225-228. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rbepid/v19n2/1980-5497-rbepid-19-02-00225.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2016.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 dez. 2016.
- BRASIL. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Zika. Portal de notícias da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/zika-0>> Acesso em: 11 set. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Microcefalia: 1.749 casos confirmados no Brasil. Disponível em: <<http://combateades.saude.gov.br/pt/noticias/836-microcefalia-1-749-casos-confirmados-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2016.
- BRASIL. Portal da Saúde-SUS. **Orientações gerais, prevenção e combate:** Dengue, Chikungunya e Zika. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/0-inisterio/principal/secretarias/svs/dengue>> Acesso em: 11 set. 2016.
- CARRARA, H. H. A.; DUARTE, G. Semiologia obstétrica. In: XXIX SIMPÓSIO de Semiologia Especializada. Medicina, Ribeirão Preto, Simpósio: **Semiologia Especializada**. (pp. 88-103). 1996. Disponível em: <http://revista.fmrp.usp.br/1996/vol29n1/semiologia_obstetrica.pdf>. Acesso em: 4 out. 2016.
- LENHARO, M. Zika e microcefalia: conheça quem ajudou a identificar a emergência. **G1 – Rede Globo**, 25 fev. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/02/zika-e-microcefalia-conheca-quem-ajudou-identificar-emergencia.html>>. Acesso em: 19 set. 2016.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. (Tradução: Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34 Ltda, 1993.
- _____. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- LUZ, K. G.; SANTOS, G. I. V. dos; VIEIRA, R. de M. Febre pelo vírus Zika. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 4, p.785-788, out. /dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/ress/v24n4/2237-9622-ress-24-04-00785.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.
- MELO, J. M. **Comunicação, Opinião e Desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- NOVAES, W. **A quem pertence a informação?** Petrópolis: Vozes, 1996.
- PICCININI, C. A.; GOMES, A. G.; NARDI, T. de; LOPES, R. S. Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 63-72, jan. /mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a07.pdf>>. Acesso em: 4 Out. 2016.
- RASMUSSE, S. A.; JAMIESON, D. J., HONEIN, M. A.; PETERSEN, L. R. Zika Virus and Birth Defects — Reviewing the Evidence for Causality. **The New England Journal of Medicine**, 2016. Disponível em: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMs1604338?query=featured_zika>. Acesso em: 19 set. 2016.
- REQUERO, R. C. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **Ecompos**, v. 4, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/com_virtuais.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2016.
- SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
- VASCONCELOS, P. F. da C. Doença pelo vírus Zika: um novo problema emergente nas Américas? **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 6, n. 2, p.9-10, 2015. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v6n2/v6n2a01.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2016.

Recebido em 2016-10-05
Publicado em 2017-07-06